

# Bem-estar e liberdade para todos - é o que se reclama hoje na manifestação internacional dos trabalhadores

SÃO PAULO, 1.º DE MAIO DE 1948

ANO 31 — NUM. 15 (Nova fase)

# A PLEBE

Se a morte é a pena correlativa à nossa ardente paixão pela liberdade, eu digo bem alto: dispõe de minha vida!  
ADOLFO FISCHER (enforcado em Chicago)

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO

(Avulso: Cr\$ 0,50 — Assinatura: Cr\$ 30,00)

Diretor-Gerente: EDGARD LEUENROTH

# PRIMEIRO DE MAIO

## Primeiro de Maio da Redenção

"Vem, ó maio! Saudam-te os povos!"

É o hino do Primeiro de Maio. É a saudação que todos os anos se repete, salda do coração de cada idealista. É a inquebrantável esperança de um porvir que há de redimir o mundo da imensa angústia que o apavora.

"Vibre o hino de esperanças aladas no grão verde que o fruto matura."

O maio! Que o teu som, que as tuas vibrações, se façam sentir em todos os recantos! Que o grão verde da Idéia seja semeado no som de tua música sublime! E que sobre os negros escombros da vil sociedade capitalista possa florir esse grão da messe futura!

"Desertal, ó falange de escravos!"

Trabalhador! Homem que a terra torna fecunda! Operário, cujo suor cai em gotas de riquezas para os senhores das vidas! Faz uma pausa ao labor. É Primeiro de Maio. Não vês que é Primeiro de Maio? Senti o seu canto, senti as suas vibrações.

"Levantemos as mãos doloridas, e formemos um feixe fecundo. Nós queremos remir este mundo dos senhores da terra e das vidas..."

Não podemos dar as mãos aos patrões. Elas estão calosas e doloridas. Ergamo-las para que vejam a distância que nos separa. A mentira não nos pode convencer. A mão que eles nos estendem está coberta com luva. A mão com que eles nos roubam está despida. É ágil e muito fina. Esta é a única mão verdadeira. Não! Não queremos colaboração dessa espécie. Isso é mentira. "Nós queremos remir este mundo". É Maio é a redenção.

"Sofrimentos, ideais, juventudes, Primavera de turbido arcano, verde Maio do gênero humano, dai coragem aos animos rudes!"

A luta é sem trégua. Muitos animos se arrefecerão. O amanhã é desconhecido. O mistério perturba. Mas há um atrativo de coisa nova no próprio mistério. Um atrativo de primaveras. Maio, ó Maio, não permita que se esfriem os animos. Retroem os teus sons, as tuas vibrações!

"Imploral ao rebelde caindo, com olhos fixos no nascente, ao obreiro que luta fremente, ao poeta gentil, esvaldo."

Para o porvir, para o porvir. Erguei-vos rebelde, trabalhador valente que lutas; poeta, artista, pensador! Para o porvir. Olhai o sol! Como é linda a aurora! Maio é a redenção! Maio é a redenção ideal!

Luca Gabriel

Registrados, vales postais e cheques em nome de Edgard Leuenroth. — Caixa Postal 2162.

## OPERÁRIOS!

Não nos aviltemos perante o proletariado consciente que por todo o mundo combate heroicamente em prol da causa comum e que em 1.º de Maio abandona as oficinas, deixa as fábricas, sobe das entradas da terra, deserta dos campos, faz cessar, enfim, a atividade em todos os centros de trabalho para atestar o valor da solidariedade na batalha travada contra o regime do salariato e do patronato e que se vai aproximando do seu período decisivo.

É uma data de protesto. Não é a "festa" do trabalho, como afirmam mistificadores. O trabalho vive escravizado e os escravos não costumam festejar sua escravidão



Sob a bandeira da solidariedade universal — o proletariado luta pela felicidade dos povos

### TRABALHADORES!

1.º de Maio! Data de lembranças pungentes, de ativos protestos contra as injustiças sociais e de decisivas afirmações de direitos irrecusáveis.

1.º de Maio! Efeméride inesquecível que condensa em si, numa síntese acunhada, toda a dolorosa história do martirio dos abnegados combatentes da causa proletária.

Para comemorar a solidariedade a falange obreira de todo o mundo. Nessa afirmação da vitalidade de sua classe, os trabalhadores desprezam as fronteiras convencionais que dividem os povos, colocam-se acima das distinções de raças e de nacionalidades e, numa imensa manifestação internacional, em que a firmeza de convicções se casa com a decisão de vencer, proclamam bem alto a sua repulsa ao dominante regime de iniquidades e o seu propósito de lutar até a completa vitória dos princípios de suprema justiça social.

### PROLETÁRIOS!

1.º de Maio foi o dia determinado pelo proletariado dos Estados Unidos para, em 1886, numa colossal agitação, firmar a conquista da jornada de 8 horas.

O objetivo dos trabalhadores foi alcançado. A sua solidariedade e firmeza levaram-nos à vitória.

A luta teve, porém, os seus efeitos trágicos. O capitalismo, ferido nos seus interesses, não se conformou com

o exito da peleja operária e quis tirar a sua desforra e saciar a sua sanha de vingança.

Dai a tragédia de Chicago. Cinco dedicados militantes do movimento operário e social, notáveis pelo seu saber, grandes pelo seu heroísmo e sublimes pelo seu espírito de sacrifício, pagaram com a vida o esforço que haviam desinteressadamente dedicado ao movimento dos trabalhadores.

Por isso, quando, em 1889, em congresso internacional se escolheu o dia 1.º de Maio para uma manifestação universal, o proletariado acetonou com entusiasmo, dando-lhe um caráter reivindicativo.

A batalha formidável de 1886 dos obreiros norte-americanos assim o exigia, e os corpos dos nossos companheiros baloçando das forças burguesas de Chicago surgiram por toda a parte como rubros estandartes a conduzir os trabalhadores à luta incessante contra a injustiça e pela justiça.

### COMPANHEIROS!

Flumitivos ao serviço do capitalismo e mistificadores contumazes pretendem desvirtuar a significação da data de 1.º de Maio. Com uma ignorância patente e com um revoltante cinismo, afirmam que o 1.º de Maio é uma comemoração festiva do trabalho! E promovem passadas recreativas com balés e bebedeiras.

Cruel irrisão! Podem acaso os operários festejar o trabalho, quando ele

constitue hoje um castigo, sem lhes proporcionar nem sequer o que é mais indispensável à vida de seres úteis e produtivos, no passo que é fonte de riquezas fabulosas, esbanjadas em Serão dignos os trabalhadores que se esqueçam da origem, toda de luta, dor e protesto, do 1.º de Maio para se prestarem aos manejos dos exploradores e seus sequazes?

Não, mil vezes não!

### VITIMAS DO SALARIATO!

Comemorando a data de 1.º de Maio devemos firmar também o nosso propósito de lutar neste país, cuja estrutura e condições econômico-sociais são idênticas às das demais nações igualmente sujeitas ao regime capitalista, pela defesa de nossos direitos menosprezados.

Aqui, como em toda a parte, sofremos as consequências da carestia geral, sem que os nossos salários tenham melhorado.

Em nossos pobres lares, sem conforto e sem higiene, o pão escasseia. A fome ronda-nos a porta.

É preciso, pois, agir, para agir necessário se torna a união e a união se consegue com a associação.

Que todos os proletários se dediquem ativamente ao trabalho fecundo da organização proletária, libertando os sindicatos da tutela governamental e da dominação burocrática, cessante contra a injustiça e pela nia!

Liberdade e bem-estar para todos!

## Nossa Posição na Hora que Passa

Os grandes problemas que atualmente são causa de debates entre os partidos autoritários são três: o conflito político, econômico e militar que divide o oriente do ocidente, isto é, o capitalismo de Estado do capitalismo privado, ou, se se quiser: o imperialismo russo e o imperialismo americano; o problema das relações entre o Estado e o povo; e o problema das relações entre o capital (de Estado ou privado) e o trabalho.

Os partidos políticos — sem exclusão de nenhum, resolvem, ou procuram resolver estes problemas por meio da conquista do poder. E são pelo oriente bolchevista ou pelo ocidente plutocrático, baseando suas esperanças de domínio na vitória de um ou de outro.

Todos são, portanto, pelo Estado, sem o qual não existiria o poder. Única diferença: uns querem o Estado onipotente, patrão absoluto dos homens e das coisas, enquanto que os outros querem o Estado tradicional, respeitador e servidor dos monopólios particulares da classe. São estes concordes em dar ao povo a ilusão da soberania popular exercida por meio do sufrágio universal — a gazuza com o qual o Estado e a minoria dominante estorquem aos governados a aparência de um consentimento.

Quanto ao perene problema das relações entre capital e trabalho, uns e outros estão de acordo em confiá-lo às organizações sindicais transformadas em apêndices do Estado e instrumentos dos partidos políticos, que disputam a sua direção, dando origem e atividade a uma colossal burocracia atrofadora e parasitária, servidora dos governantes e dos partidos, o que constitui uma nova pressão sobre o esforço e os destinos da multidão trabalhadora.

Ora, colocando-se na sua posição de desherdados e de oprimidos, os anarquistas sabem perfeitamente que o conflito russo-americano não corresponde a nenhum dos sentimentos, das aspirações, das necessidades suas e dos demais desherdados e oprimidos do mundo. Sabem mais que o epílogo inevitável desse conflito será o massacre de milhões de seres humanos, principalmente de desherdados e oprimidos. Consequentemente, colocam-se contra o imperialismo oriental como contra o imperialismo ocidental, contra o capitalismo de Estado como contra o capitalismo privado, reivindicando para si e para todos o direito à vida, à segurança do amanhã, o direito de alcançar mais altos níveis de progresso e de civilização, deixando-se de servir de carne para canhão por conveniência dos aventureiros e dos conquistadores de uma ou de outra parte.

Igual é o nosso critério no que se refere às relações entre o povo e o Estado. Para que serve o Estado? Totalitário ou democrático, bolchevista, burquês ou teocrático não serve senão (Conclui na 2.ª pág.)

Em que consiste nosso crime? Em termos trabalhado pelo estabelecimento de um sistema social em que seja impossível o fato de que, enquanto uns amontoam milhões, outros caem na degradação e na miséria. Assim como o ar e a água são livres a todos, assim a terra e as invenções dos homens de ciência devem ser utilizados em benefício de todos.

Vossas leis estão em oposição com as da natureza, e mediante elas roubais às massas o direito à vida e ao bem-estar.

GEORGE ENGEL (enforcado em Chicago)

# Pelo que luta o anarquismo

CONTRA TODAS AS FORMAS DE TIRANIA, DE EXPLORAÇÃO E DE OBSCURANTISMO — E POR BEM-ESTAR E LIBERDADE PARA TODOS

O ANARQUISMO é a socialização de toda a riqueza, posta no fruto de todos os indivíduos com igual direito à vida, ao pão, à cultura, à liberdade e ao bem-estar.

Para que isso seja possível — e nada prova em contrário — o socialismo libertário ou anarquismo visa a abolição de todo o sistema de domínio do homem pelo homem, da exploração econômica dos trabalhadores pelos detentores da riqueza social, assente no regime do salarido e do Estado.

O anarquismo considera o homem a fonte de toda a vida coletiva. As formas econômicas, morais e jurídicas da sociedade resultam da sua ação transformadora dos elementos naturais e da sua iniciativa de ser ativo e pensante, portanto, a sua libertação, dos dogmas e dos sistemas de sujeição a interesses particulares e em todos os domínios da sua atividade é a condição básica da transformação que estabelece a socialização dos bens produzidos, produtores e em potencial.

O anarquismo não é, pois, um princípio metafísico mas uma concepção do mundo, uma regra de convivência social, um método de investigação histórica, a liberdade criadora em todas as atividades desde a produção utilitária até à criação sentimental, imaginativa e científica.

Combate o capitalismo — porque é a detenção da riqueza comum por uma minoria privilegiada que explora o trabalho humano, e não admite que simples valores monetários e arbitrários historicamente posteriores ao trabalho, primeira atividade do homem, possam ser o elemento vital da produção. É a necessidade de consumo do homem que determina a necessidade de produção, portanto é necessário restabelecer esta ordem natural e tornar a produção para a satisfação das necessidades comuns. O lucro, forma capitalista da produção, é um roubo por poucos contra muitos.

Combate o Estado — porque é a centralização de todos os poderes na posse das minorias detentoras, a negação do direito individual de participar na administração dos bens comuns e a limitação da sua liberdade, quando esta só tem como limite natural a liberdade dos outros indivíduos no acordo mútuo estabelecido na sua convivência.

O Estado, liberal ou totalitário, democrático ou coletivista, é a negação da iniciativa e da livre associação — desde o indivíduo, passando pelas suas coletividades, pelo aglomerado local até à comunidade universal.

Combatendo a sociedade estatal-capitalista, o anarquismo reconstrói a sociedade pela cooperação de sindicatos — agrupação de produtores, das cooperativas, — associação dos consumidores, e dos municípios libertários — associação local dos moradores na sua dupla qualidade de consumidores-produtores — o indivíduo-social.

Os sindicatos administram a produção pela ação dos seus membros, igualmente consumidores; as cooperativas distribuem segundo as necessidades das populações; o município resume a atividade social local, federando-a sucessivamente no distrito, na província, na região, e internacionalmente.

O socialismo libertário, partindo do homem para a coletividade e associando-o em todas as suas atividades profissionais, sociais, culturais, artísticas e de investigação científica, considera negativa

a ação do parlamentarismo e esterilizante o partido político como elemento de representação democrática, elementos da organica do Estado através dos quais as minorias privilegiadas dividem e dominam as sociedades humanas. «E se considera legítimo o direito dos indivíduos se agruparem segundo as suas doutrinas políticas ou religiosas, não considera que sejam estas as formas de representação da vontade popular, nem os órgãos através dos quais ela se possa manifestar legitimamente.

A liberdade integral do indivíduo é o objetivo do anarquismo. Essa liberdade só é possível quando realizada simultaneamente em todos os domínios da atividade humana. A LIBERDADE ECONÔMICA é a possibilidade de todos os homens participarem da administração da produção e do consumo, satisfazendo todas as suas necessidades físicas, mentais e sociais, a LIBERDADE MORAL o direito de pensar, criar e ampliar a sua forma de viver e sentimental. O alcance dessa liberdade não se obtém por doses concedidas por ESTADISTAS, PROTETORES ou SALVADORES da humanidade, nem concedida por percentagens preestabelecidas por dialéticas pretensamente científicas e históricas mais ou menos marxistas, depende apenas do esforço dos trabalhadores manuais e intelectuais na anulação das forças que lhe põem obstáculo.

O militarismo, a Igreja, o partido político são a nossa escravidão econômica, são os elementos estranguladores da liberdade.

Reconhecendo nos crentes o direito da prática de seus cultos, impugna à Igreja, imperialismo clerical, o direito de sobrepor-se ao domínio da sociedade como instituição supra-social, explorando e mantendo a humanidade nos seus fins incontroláveis. O clero, elemento parasitário e fora das obrigações civis, é o maior inimigo da liberdade humana.

O anarquismo pretende a valorização do ser humano. Se, por consequência, nega DEUSES, CHEFES e PROTETORES, nega todos os preconceitos raciais, religiosos e sexuais. A raça, a cor ou o sexo não podem excluir, diminuir ou elevar os indivíduos. Todos são iguais nos deveres e nos direitos, relativos entre si. Do mesmo modo combate a discriminação sexual. O homem e a mulher são iguais.

O socialismo libertário reconhecendo à mulher os mesmos direitos como ser humano, e como produtora e consumidora, amplia o horizonte da sua existência moral tornando-a igualmente um indivíduo social.

Companheira da vida do homem, só pelo amor e a cooperação livre entre ambos pode a família tomar a feição humana que não possui. Atualmente o homem é o proprietário da mulher e dos filhos, reina como soberano, mal ou bem, mas sempre despersonalizando os elementos da família.

A inferioridade econômica e moral da mulher é a causa da prostituição, a chaga da sociedade cristã e burguesa que a tem como um "mal necessário".

O anarquismo, finalmente, não é seita exclusivista. Idéia, ação e realização social — procura a cooperação de todas as pessoas de consciências animadas por sentimentos de justiça social, para a conquista da liberdade integral — que é a base da sua própria felicidade. Só não colabora com os elementos integrantes da opressão ou que procuram disfarçá-la.

## Pela divulgação do esperanto

Acompanhando o ritmo do renascimento do movimento esperantista em todo o mundo, foi restabelecida no Rio a Laborista Esperantista Associação, dissolvida em consequência do desencadeamento das perseguições nazistas em todo o mundo contra o esperanto. Reuniram-se os esperantistas operários cariocas, os quais, depois de examinarem as vicissitudes por que tem passado, nos últimos tempos, o movimento dos que defendem o ideal de um idioma único para a humanidade, visando a fraternidade entre todos os povos, e de terem posto em relevo o importante papel do esperanto como veículo de cultura e de troca de experiência e informações entre os trabalhadores de todos os países para a instauração de um mundo melhor, concluíram pela necessidade de reorganizar a referida associação, encerrada por ordem do governo do Estado Novo, numa imitação do que fora feito pelos governos de Hitler e Salazar. Foi resolvido acrescentar ao nome da ressuscitada associação que não tem caráter político nem religioso, mas exclusivamente cultural ao serviço dos trabalhadores, o de Lanti, em homenagem ao filósofo do esperantismo, notável escritor esperantista e fundador da Associação Mundial dos Esperantistas Operários (S.A.T.), recentemente falecido no México, onde se exilara para fugir às perseguições dos nazistas.

A sede provisória fica sendo na rua do México, 98, 7.º andar, sala 706, onde se realizarão sessões culturais, todas as quintas-feiras, às 19,30 horas.

Brevemente aparecerá um jornal em esperanto, órgão do movimento esperantista operário no Brasil, intitulado "Mondocivitano".

Na sede da Laborista Esperantista Associação "Lanti", encontra-se aberta a inscrição para um curso gratuito de esperanto para trabalhadores e estudantes.

Consiga assinantes para "A PLEBE"

### NOSSA POSIÇÃO... (Conclusão da 1.ª página)

não para preparar guerras, legalizar privilégios e injustiças, estorquir taxas e impostos, sujeitar os homens a censuras e massacrar os descontentes. Para a multidão desherdada, e oprimida, o Estado é uma desgraça permanente, um polvo insaciável, um carrasco impiedoso. E os anarquistas proclamam: livremo-nos da desgraça, do polvo, do carrasco, desmascarando a iniquidade dos seus poderes, a absurda ilusão das feiras eleitorais — que fazem a prosperidade dos partidos e a escravidão do povo.

E sobre as relações entre capital e trabalho pensam e proclamam os anarquistas que é baldado esforço tentar mitigar a injustiça, que tem a sua base justamente na existência do monopólio capitalista. E seja esse monopólio pessoal de entidades privadas ou monopólio coletivo de governantes, impõe ao trabalho — e aos desherdados que o executam com esforço e sacrifício — a escravidão do salarido. O sindicato oficializado não alivia as correntes da escravidão, antes, as agrava, porque cria uma nova classe de parasitas que vivem explorando o trabalho alheio, e que acabou integrando-se e confundindo-se com todas as outras categorias de privilegiados interessados na preservação da existência da atual ordem social.

Para os anarquistas, portanto, a posição a assumir em relação aos três fundamentais problemas deste momento são de uma simplicidade elementar, de uma lógica irrefutável: contra o imperialismo — seja ele do oriente ou do ocidente; contra o Estado — seja ele governado pelos homens ou partidos da direita, ou seja governado pelos homens ou partidos da esquerda; contra o salarido — seja ele imposto pelo roubo do monopólio privado da riqueza social, ou seja imposto pelo monopólio não menos extorsivo da burocracia estatal.

E isso não apenas porque essa posição é coerente com os princípios anarquistas, mas também porque esses princípios são confirmados pelos acontecimentos, que evidenciam que o imperialismo — qualquer que ele seja — alimenta-se de ouro, da fome do sangue, da desgraça das multidões humanas desherdadas e oprimidas; pelo fato de que o Estado perpetua os princípios do poucos à custa da miséria, da ignorância e da humilhação do povo; pelo fato, enfim, de que o salarido — forma disfarçada da escravidão — condena o trabalho humano à exploração criminosa dos ladroes — grandes ou pequenos — que se apropriaram das riquezas naturais e do produto do trabalho e da inteligência de todos.

"L'Adunata del Refrattari"

## O Fundo Social da Rebelião de Tiradentes

Se os fatos que, no transcurso dos séculos, determinaram o curso evolutivo dos sistemas sociais e, principalmente, o evoluir das relações instintivas e culturais entre os homens, fossem geralmente conhecidos e aceitos nas realizações atuais, não se cometeriam os enganos simplistas ou as faltas maléficas que se cometem em todos os campos da atividade humana.

Fossem considerados os vastos ensinamentos da história nos fatos do



TIRADENTES

presente e o mundo transformar-se-ia em breve tempo numa coisa bem diferente da que é.

Todos os acontecimentos da história deveriam ser esclarecidos e popularizados com o fim de evitar muitos erros cometidos por falta de conhecimentos ou por interpretações errôneas dos fatos do passado. Nenhum, porém, na história do Brasil, é tão vasto no conteúdo de causas e consequências sociais, políticas, religiosas e econômicas, tão cheio de ensinamentos práticos e sempre atuais, como o verificado em Vila Rica faz século e meio — a Inconfidência Mineira.

Pelos fins do século XVIII sentiram-se mais pesados que nunca os gravames do regime colonial a que o Brasil estava submetido, sobretudo em Minas Gerais, onde, "ao lado da riqueza, se via lavar a miséria". "As classes humildes, afirma Rocha Pombo, na sua ignorância e na sua penúria, vivem ali como num completo segregamento do mundo: para essa gente desventurada, o destino só pode ser aquilo mesmo; e o horizonte da vida será sempre aquele que se fecha entre as montanhas". "As classes ricas, porém, prossegue o insigne historiador, que melhor sabiam avaliar os proveitos da riqueza, não se consolavam de ver como a maior porção dos cabedais que se arrancam das minas, vai para Lisboa".

Basta isto para mostrar a situação

em que se encontrava a colônia há século e meio. Fácil é compreender que as riquezas, naquela terra de proverbial minificência, as que não eram levadas para a metrópole, eram aqui repartidas entre "a massa empobrecida e aviltada" e o "colono enriquecido nas minas". Ora, enquanto que, para as classes desvalidas o horizonte da vida será sempre aquele que se fecha entre as montanhas, as famílias mais abastadas faziam educar os filhos na Europa, o que mostra que era dupla a "tutela opressiva" sofrida pelos que tudo trabalhavam e que nada possuíam.

Entretanto, os homens de certa cultura que vinham da Europa, revoltados ante o contraste do que havia no estrangeiro e as condições em que ali se vivia, não dissimulavam seu espanto aos próprios filhos da terra, mas, pelo contrário, foram eles que, "pontuando de comentários as notícias que referem, e as misérias que estranham a par das maravilhas, vão vertendo na alma daqueles povos o filtro que tem de agitá-la".

O espírito de rebelião aumenta continuamente, cada vez abrangendo maior número de elementos conscientes e dispostos a levar a cabo a transformação daquele ambiente de opressão e injusta desigualdade. Os homens que tinham o espírito moldado no ideal de liberdade bem pronto compreenderam que não eram nos homens do governo que se fundava aquela desgraça, mas no próprio regime de exploração. Foi entre esses homens que cogitavam do seu próprio destino e ansiavam por um novo dia, que primeiro nasceu a idéia da revolução e que, para realizar a nobre causa, conceberam o primeiro movimento decisivo da conjuração. Ao primeiro grupo dos conjurados logo foram se juntando os mais indômitos e ativos, embora todo mundo afagasse aquela aspiração, mas muitos temessem o rigor das leis e o castigo.

A mais excelsa figura desse movimento revolucionário foi a do alferes de cavalaria Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o Tiradentes, assim descrito por Rocha Pombo: "Era este homem, nascido na terra de Minas, um tipo singular de criatura que se encontra com o mundo numa grande ansia de ter o seu papel. A condição modesta em que se sentiu ali, no meio da riqueza, serviu-lhe de estímulo forte nos primeiros passos da vida. Experimentou várias profissões; e de todas desenganou-se. Dir-se-ia que de todas as vicissitudes lograra apenas um proveito: sentira quanto o mundo era do-

loroso. Revolta-se então contra o seu meio e o seu tempo".

Descoberta a conjuração quando já tudo estava preparado para o levante e presos os elementos que nela se destacavam, logo se fez cumprir a "majestade da justiça real".

E conhecido de todos o desenlace cruento do processo que proclamou a sentença máxima daquela justiça. Além do Tiradentes, onze réus foram condenados à forca, tendo, porém, "por clemência real, comutada a pena de morte na de degredo perpétuo". Mais cinco foram condenados a degredo perpétuo e outros, ainda, a degredo temporário. Os cinco padres implicados na conjuração não figuram na sentença; pois "de acordo com as instruções da corte, deviam ser processados à parte. Não se sabe que penas tiveram, nem mesmo se chegaram a ser julgados aqui".

Uma carta da rainha, de 15 de outubro de 1790, a todos os réus, aliviou o castigo que os oprimia. Só Tiradentes, "por desválido e humilde, os juizes não julgaram digno da piedade da soberana".

O epilogo da tragédia foi a cena de monstruosa selvageria, a aparatosa execução de Tiradentes. O grande mártir possuía até o último instante "essa coragem que a muitos heróis tem faltado na hora suprema" e respondeu ao diretor que o confortava, já no patíbulo, "que já morrer agora cheio de prazer, pois não arrastava consigo tantos infelizes...".

Diante dessa figura de tamanha grandeza, arauto do novo dia em que entre os homens reinará a liberdade, a igualdade e a solidariedade, os mantenedores daquele estado brutal representaram as mais torpíssimas e grotescas "anomalias morais, absurdas e estranhas".

Sobre essa vítima dos "dirigentes" do destino das massas, da qual brotara o sublime idealista martirizado, lançaram os seus algozes as mais injuriosas maldições, chegando a escrever um frade, que foi testemunha do sacrifício, "representante de Deus": "Este homem é indigno das nossas memórias; mas, se ficar de todo no esquecimento, nenhum fruto tiraremos do seu exemplar castigo".

Por tristíssima ironia, parece ter-se consumado a tétrica previsão. Bem pouco tem aproveitado às posteriores gerações o doloroso transe da nossa história, o que prova à evidência o axioma de que são os enganos do presente muitas vezes cometidos em virtude de se não aproveitarem os exemplos já passados.

Todos os homens, desde o mais simples trabalhador rural ao mais emil-

nente cientista, possui, a par da preocupação cotidiana com a produtividade de que desenvolve, um constante impulso natural para a conquista de novas formas progressivas no aperfeiçoamento da vida humana. Esse impulso instintivo manifesta-se no processo das relações sociais, pelas idéias novas que todos acrescentam à cópia da sabedoria do homem. Ora, é tão vasta a soma de conhecimentos científicos que hoje possuímos, tão adiantadas as realizações industriais de que podemos dispor, que as condições atuais do homem, as suas ações, o seu procedimento em relação com os diferentes grupos para a realização de um regime de paz e harmonia, deveriam revelar-se por um grau muito superior de bem-estar e felicidade.

A razão disto é que a força que determina o curso das coisas estriba-se ainda em hábitos artificiais já muito enraizados, em preconceitos que impedem a livre pesquisa e manifestação das verdades essenciais, porque os "dirigentes" não procuram ainda a regeneração intelectual preliminar necessária ao fim que afirmam exercer sobre as massas ignorantes, mas que, na realidade, impedem a marcha do progresso, estancando a presente situação. Como consequência primária e que maiores prejuízos causa a todo o gênero humano é a luta constante de todos os tempos entre os produtores de todas as riquezas do patrimônio social e os possuidores dessas mesmas riquezas, submetidos os primeiros aos segundos por inúmeros estratagemas políticos refletidamente organizados e dirigidos por uma minoria privilegiada. E como fator principal necessário ao conservação desse estado de iniquidades, persiste a proibição metódica da livre manifestação das idéias inovadoras, de cujo debate com os conceitos já passados resultaria a destruição dos privilégios convencionais e a consequente marcha evolutiva para uma forma superior de harmonia social e de ética humana.

LIBERTO LEMOS REIS

### Leucando Ideias...

No reino da fabula, todos os jardins maravilhosos, todos os palácios encantados são guardados por dragões ferozes. O dragão que está à entrada do palácio anárquico nada tem de terrível: é uma palavra apenas.

ELISEU RECLUS

# GUERRA A' GUERRA!

Nem um cruzeiro, nem um só homem para as chacinhas guerreiras

## Aspectos da luta sustentada pela Resistencia Libertaria



O monstro pretende novamente dominar o mundo

Impõe-se a todas as pessoas de consciências livres, hoje, mais do que nunca, o dever de erguer a voz contra o militarismo profissional e contra a guerra, em defesa da paz; justamente a nós, anarquistas, tantas vezes acusados de terrorismo pelos provocadores de guerras, cabe o dever de agarrar pelos pulsos os delinquentes do Estado e de detê-los na sua corrida para o extermínio; justamente a nós, anarquistas, tantas vezes acusados de anti-patriotismo, compete o dever de salvar todas as pátrias contra a loucura anti-nacional, anti-popular e anti-operária dos nacionalistas de profissão; justamente a nós, anarquistas, tantas vezes acusados de quererem fomentar a desordem, está confiada a função de restaurar a ordem nas relações internacionais, e de destruir os focos de agressões imperialistas — os Estados — que continuamente a perturbam. Não declinaremos desta responsabilidade. Pelo contrário, assumimo-la inteira, a custo de ir de encontro à corrente. Pois se hoje, hesitantes e duvidosos, não assumissemos esta responsabilidade, assumiríamos outra bem mais grave: a de não ter lançado o alarme quando era tempo, de não ter advertido o povo incauto quando ainda era possível.

Sobretudo porque ninguém mais se move. Todos os movimentos que podiam desenvolver uma obra de prevenção contra a guerra, ou cairam em tenazes contradições das quais dificilmente poderão desencilhar-se, ou estão reduzidos à impotência pelo ambiente que os envolve, ou, simplesmente, traíram sua missão pondo em quarentena seu anti-militarismo. No Brasil, por exemplo, hoje, todos os partidos são militaristas extremados. Os partidos atuais são apenas expoentes de Estado, de blocos mundiais, mas não expressão de nossa vida, autónoma e independente. Pelo contrário, no Brasil não existe mais uma política interna. Todos fazem

política estrangeira, e para os nossos próceres nada significam as tradições ou os problemas reais de nosso país; tudo está em função de uma grande política que os chefes de partido manejam como grandes diplomatas amadores. Disto resulta que ninguém pode ter confiança neste ou naquele partido, como fator de resistência ou de freio contra a guerra: de fato, os partidos constituídos em quintas colunas deste ou daquele bloco de potências, já estão fazendo política de guerra mesmo quando falam em paz. Cada um fala da sua paz, da paz soviética ou da paz americana. Até o papa fala da sua paz, isto é, da paz vaticana. Mas ao mesmo tempo, todos falam de inimigos que devem ser debelados, de defesas que devem ser terminadas, todos intensificam a produção de armas, potenciam sua economia de guerra, não desmobilizam as tropas, pelo contrário, adextram-nas em grandes manobras, e, com as paradas, o cinema, a imprensa, a escola e a propaganda, mantêm o povo numa psicose de guerra próxima.

A Igreja, que, depois da perda do poder temporal, tem a pretensão de desenvolver uma função de equilíbrio espiritual, retomou seus desígnios de domínio mundial. Não mais poder temporal, porém novo e mais formidável poder político, através da formação de grandes partidos católicos nos vários países submetidos ao Vaticano. Não mais o minúsculo Estado da Igreja, mas intromissão direta da Igreja nos aparatos governamentais dos grandes Estados. Não mais política de fronteiras, mas uma grande política internacional de privilégios a conquistar, de interesses a conservar, de posições a defender, de preconceitos a manter.

Também a Igreja, portanto, não é coeficiente de paz, mas um novo elemento perturbador, uma fonte de caos, de concorrência política, de desordem social.

A guerra, a violência, não produzem civilização, mas barbaria, escravidão, ódio, miséria: oprime o vencido, corrompe e embrutece o vencedor.

Não existe nenhuma guerra santa, a não ser aquela feita para libertar-se da opressão; não existe nenhuma violência justa a não ser aquela usada para rechaçar a violência.

A civilização propaga-se pela propaganda, pelo exemplo, pelo bem-estar, e se um dia os operários emancipados de uma nação levarem suas armas aos povos atrasados, não será para oprimi-los ou para impor-lhes um sistema de vida que eles não aceitam, mas para ajudá-los a livrar-se e desenvolver-se da tirania nacional e estrangeira à qual estão submetidos. E com a liberdade conquistada, levarão seu trigo, seu gado, seus produtos medicinais e seus instrumentos de trabalho.

Então, sim, a civilização será aceita e difundir-se-á por todo o mundo, por tornar rica, alegre, boa e inteligente toda a humanidade.

A guerra não tem nada em comum com a emancipação humana, e a missão dos que desejam o fim de todas as opressões, e de qualquer exploração de um homem em prejuízo de outro homem, continua a ser a de despertar a consciência do antagonismo entre dominador e dominado, entre explorador e explorado, que a guerra, longe de diminuir esta verdade, valgriza-a cada vez mais.

Por isto, o dever dos revolucionários, especialmente o dos anarquistas, é fazer tudo o que for possível para enfraquecer o Estado e a classe capitalista.

Por isto, lançamos o alarma. Os povos ainda, estão em tempo para evitar a catástrofe. Nem um cruzeiro, nem um homem para a guerra! Viva a solidariedade humana! Abaixo a guerra!

GRUPO RUTA

Teve o efeito de uma mensagem de solidariedade internacional a carta recebida do Brasil e lida em reunião da Aliança Comunista-Libertaria desta região de Portugal. Funda foi a impressão causada nestes combatentes da resistencia libertaria lusa em luta subterranea pela libertação do povo.

E' com satisfação que registramos a cooperação que os camaradas brasileiros estão prestando à nossa luta contra a reação que domina neste país, tentando estrangular de vés a liberdade já tão reduzida nesta infeliz Iberia.

Entretanto, há de soar a hora do ajuste de contas.

Podem estar certos os libertarios brasileiros, e de toda a parte, que não descansaremos nesta gigantesca luta, embora desigual, contra os carrascos do povo português, não obstante essa pelega esteja cheia dos maiores perigos.

Com referencia à situação em Portugal, podemos assegurar, sem receio do mínimo desmentido, que o nosso povo odeia profundamente a canalha dominante. Só mesmo amparada por poderosas forças militares e policiaes consegue a reação manter-se no poder.

A nós, do movimento anarquista, tem faltado, nestes tempos sombrios, uma literatura tão vasta quanto a ansia que se nota no povo, e, principalmente entre a mocidade estudiosa, de conhecer os ideais de libertação social. Por isso, a cooperação dos camaradas brasileiros nesse sentido é-nos muito valioso, pois onde conseguimos fazer chegar os ecos de nossos clamores contra a tirania e em prol dum mundo redimido pelo anarquismo, encontramos o mais entusiastico acolhimento à pelega em que estamos empenhados.

O domínio do fascismo nestes 22 anos de tirania tem feito desaparecer toda a literatura libertadora acumulada durante anos de esforços e sacrificios, sendo apreendidos livros, folhetos, jornais, revistas, prospectos, gravuras, etc., que a policia inutiliza e os elementos visados são forçados a dar sumigo, para evitar que caia em poder da reação. O material recebido, vem, pois, suprir, em parte, essa falta.

A nossa juventude, que pretendem fazer com que não conheça o significado da palavra — Liberdade, toma agora parte ativa na luta anti-fascista, o que prova que o fascismo luso não conseguiu criar uma geração à sua imagem e semelhança. E' dela o futuro e com ela podemos contar na luta contra a tirania e em prol da emancipação do povo.

De algum lugar de Portugal, Março de 1948.

JOSE' ALENQUER

### CENTRO DE CULTURA SOCIAL

Com o intuito de ampliar a sua obra de cultura, tendente a formar novas unidades ativas e conscientes nas lutas sociais, o C. C. S. organizou um curso de capacitação, constituído de varias materias confiadas a professores competentes em suas especialidades.

Que é anarquia? Que é comunismo? Anarquia? Sabes o que é liberdade, mas Liberdade com L maiúsculo? Pois isso é anarquia.

Uma sociedade onde exista plena liberdade de pensamento, de locomoção, de trabalho, de reunião; liberdade de unir-me a outros individuos meus afins, para atrabalhar, para divertir-me ou para estudar. Liberdade de fazer o que entendo, mas conscio da moral anarquista, sem passar da liberdade consciente para a libertinagem, nem em nome da minha liberdade de ação, prejudicar a liberdade dos meus semelhantes. Todos os componentes da sociedade tem os mesmos direitos sociais, e, portanto, temos que respeitar-nos mutuamente! Mas, para que isto exista, é necessario que não existam governos; ora, para não existirem governos, não pode existir o Estado, sustentaculo do governo e para não existir o Estado, não pode existir capitalismo, militarismo e clericalismo, trindade sinistra de qu e é formado o Estado com todo seu cortejo de antarquias e burocratismos.

Isto é anarquia, etimologicamente falando: ausência de governo e, portanto, do Estado, dando ao individuo plena liberdade de ação e pensamento.

Mas o anarquismo, — que é a doutrina da anarquia — pelo simples motivo de ser concebida para servir ao individuo e não o individuo para servir ao anarquismo — abrange tudo quanto o pensamento humano concebe — desde o harpejar das cordas de um violino, que enleava o pensamento e embala o amor por um ser, amor pela humanidade — até as reações dos ácidos nas retortas; procurando a desintegração do atomo, que servirá para destruir a humanidade ou para libertar o homem; desde as policromicas azas das borboletas até à nuvenzinha que, lá no cimo, no azulado zenith, passa, veloz, açotada pelo vento. Em tudo há anarquismo. O anarquismo é o pensamento humano e, por isso, é a evolução. Evolução que não pára, que não poderá parar jamais, pois que, se possível fosse fazer estacionar a evolução, possível seria parar a rotação da terra, o marulhar das vagas ou evitar o brilho das estrelas.

Anarquia é o amor, é a liberdade, isso que todos nós, todos, temos dentro de nosso ser — amor à liberdade.

E' com este amor — amor à liberdade — que organizaremos a sociedade de amanhã.

Sabemos que é bastante difficil nos fazermos compreender pela maioria dos individuos que julgam ser a anarquia sinonimo de desordem. Estes, aferram-se à etimologia do vocabulo dentro do conceito burguês. Na realidade, anarquia é uma palavra, que vem do grego e quer dizer ausência de governo. Esta pala-

## Anarquismo e Comunismo

vra não foi criada pelos anarquistas, que se denominavam socialistas libertários para se diferenciarem dos socialistas autoritários ou marxistas. Também foram denominados bakuninistas, mas por pouco tempo, pois o próprio Baknin, denominando-se socialista, passou a dizer-se anarquista. Bem, sejamos chamados de anarquistas ou de socialistas libertários, a verdade é que somos amantes da liberdade. Liberdade integral para todos.

No dia em que a humanidade não seja coagida por nenhuma lei (porque o direito codificado é uma farsa) a fazer o que não deseja; no dia em que todos os seres humanos possuam plena posse de sua individualidade, no dia em que o individuo se liberte de todas as superstições que o aterrorizam ante o incognoscivel, nesse dia estaremos, ideologicamente, em anarquia.

Mas, nem sé de idéias vive o homem e, por isso, os anarquistas, além dos problemas da liberdade, preocupam-se igualmente com a questão económica e resolvem-na com o comunismo libertário.

O comunismo é praticado por muitas seitas, tribus e sociedades, e foi um dos primeiros sistemas economicos sociais que a humanidade conheceu. O próprio cooperativismo é uma especie de comunismo, embora deturpado, em consequencia de funcionar sob a pressão do regime capitalista. Muitas confrarias religiosas vivem em comunismo, mas não em anarquia; quer dizer que, sob o ponto de vista economico, todos são iguais, mas não possuem liberdade de ação — são obrigados a obedecer a um chefe, não podendo tomar decisões sem a sua autorização.

O comunismo libertário é, pois, uma sociedade economica onde todos colaboram com o máximo de sua capacidade física e intelectual para produzir com abundancia tudo quanto seja util à vida do individuo.

Na sociedade presente, 30% dos individuos, por se entregarem a atividades burocraticas ou parasitárias, não produzem nada verdadeiramente de util para a coletividade: presidentes, ministros, senadores, camaristas, funcionários públicos, padres, advogados, burocratas, soldados e policiaes, negociantes e corretores, despachantes, fiscaes e proprietários, capitalistas, vagabundos, ladrões, prostitutas, etc., frutos necessários à existência do regime de exploração em

que vivemos, mas completamente inúteis e desnecessários no regime de igualdade social do comunismo libertário.

Note-se que há momentos na vida dos povos em que, por causa da "super-produção", são paralizados os serviços e atirados à rua milhares e milhares de produtores sob a alegação da falta de pedidos, o que quer dizer deficiência de consumo, isto por falta de poder aquisitivo do povo, provocando as crises periodicas.

Dentro do regime comunista anárquico no qual a máquina será posta a serviço do homem; em que não se temerá a super produção, porque esta é fruto de sonegação, com fins criminosos, dos artigos produzidos, todos poderão produzir, não como uma obrigação, mas como atividade necessária à vida.

A terra, essa mãe amorosa que está sempre pronta a abrir seu seio para sustentar a humanidade, pode receber, em regime comunista libertário, o maior desvelo e tratamento por parte dos homens, pois dela receberão o pão da vida.

E' possível viver em comunismo libertário?

Passemos um olhar sobre o nosso sistema de vida contemporaneo, depois veremos se é ou não viavel o sistema que propomos.

Na atualidade, a sociedade divide-se em duas classes: a capitalista e a proletária. Da primeira saem os governantes, proprietários, industriaes, e os que a si próprios se denominam capitalistas e que vivem apenas dos juros de seu capital. São os que vivem da agiotagem direta. Os segundos, chamados operários, são os produtores braçais e intelectuais, reunindo a grande maioria dos habitantes da terra: lavradores, carregadores, condutores de veículos, ferroviários, sapateiros, pedreiros, alfaiates, carpinteiros, mecânicos, tecelões, empregados no comércio, soldados, marinhaes, funcionários públicos, bombeiros, datilógrafos, escriturários, lavadeiras, empregadas domésticas; médicos, engenheiros, escritores e jornalistas, etc.

Os trabalhadores intelectuais, que nem sempre se consideram proletários, são também obrigados a prestar serviços em troca de uma paga.

Essas duas classes vivem em constante luta. Uma, a capitalista, preocupada em evitar que a classe proletária venha a ter conhecimento da sua verdadeira situação perante a so-

cidade, aliou-se ou alimenta as religiões ou o fim de atemorizar o povo com ameaças de penas e castigos depois da morte, explorando, ao extremo, a candidez e simplicidade do individuo, sempre propenso a temor e desconhecido; por outro lado, organizou, com os próprios trabalhadores, policiaes e exercitos, para defender a ordem estabelecida por eles, capitalistas.

Desta trindade nasceu o Estado e com ele o governo, composto por indetermindado numero de individuos. Os governos, preocupam-se em organizar leis, moeda corrente com valor de troca, arrecadar impostos, nomear embaixadas, etc.

Dá uma pequena parcela de instrução primária (regiamente paga pelo povo em forma de impostos); em auto-defeza, saneiam as cidades onde se estabelecem, deixando as outras cidades, bairros ou vilas onde residem os trabalhadores no mais completo abandono.

J. P. GUTIERREZ

## Aniversário de "A PLEBE"

"A PLEBE" completa com este numero o primeiro ano de publicação na presente fase. Tendo surgido há trinta e um anos, em 1917, por ocasião do grande movimento proletario que convulsionou a vida de São Paulo, e sofrendo durante essas três decadas de lutas incessantes toda a sorte de perseguições, ressurgiu este vozeiro libertario em 1.º de Maio de 1947, após a interrupção do periodo getuliano.

Não podemos dizer que este novo ano de existencia do nosso querido jornal tenha corrido a contento de seus amigos, isto é, tenha correspondido efficientemente às necessidades do movimento anarquista. Muito no contrario. Podemos mesmo afirmar que "A PLEBE", em toda sua já longa existencia, nunca atravessou um periodo, como o presente, com tantas circunstancias negativas a perturbarem a sua obra. A sua circulação está sujeita a uma sistemática boicotagem, exercida, de um lado, por autoridades, que intimidam os encarregados das bancas de venda, e, de outro, por adversarios apaixonados — bolchevistas e fascistas — que, dominados pelo setarismo de seu espirito totalitario, também influem junto nos vendedores com o fito de prejudicar a divulgação de "A PLEBE". Acresce a circunstancia de que quase desapareceram da venda avulsa dos jornais os jornaleiros ambulantes, possibilitando isso que os encarregados das bancas, tornados vendedores quase que exclusivos, se desinteressem pelos jornais que não lhes oferecem grandes margens de lucro. Ainda há mais. Para tornar possível a circulação do jornal pelo interior do país, temos de, como medida de defesa, expedir cada exemplar em envolvero de papel, o que determina um apreciavel aumento de despesas.

Há ainda a dispersão de nossos elementos durante o interregno da ditadura, exigindo isso muito tempo e trabalho para localizá-los e com eles entrarmos em entendimentos.

A tudo isso é preciso juntarmos a desorientação geral do proletariado, sujeito durante longo tempo à mistificação e á demagogia dos politicos de todo o naipe.

E' natural, portanto, que tenhamos de redobrar de esforços para manter a publicação de "A PLEBE", cuja existencia se patenteia cada vez mais necessaria. De nossa parte, estamos fazendo tudo quanto de nós depende. Mas não poderemos vencer, se não fizermos com o apoio decisivo, ativo e permanente de todos aqueles que sentem necessaria a publicação do jornal. Todos devem contribuir para a sua divulgação, influenciando junto aos vendedores, conseguindo novos assinantes, enviando-nos nomes e endereços de pessoas simpaticas de nossa obra e, finalmente, coletando recursos, para isso solicitando-nos listas de subscrição. E tudo isso deve ser feito sem perda de tempo.

# A emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores

## A PLEBE

SÃO PAULO, 1.º DE MAIO DE 1948

ANO 31 — NUM. 15 (Nova fase)

### O 1.º de Maio na historia do proletariado paulista

Foi por volta de 1896 que surgiram em São Paulo as primeiras organizações para a defesa dos interesses dos trabalhadores, figurando entre as primeiras as dos gráficos e chapelheiros, tendo por principais animadores elementos espanhóis e italianos, filiando-se essas organizações às federações internacionais de seus ramos.

O 1.º de Maio teve a sua primeira comemoração de destaque em 1898. Nesse ano, os grupos anarquistas, os centros socialistas, com a adesão também dos republicanos italianos e de elementos de algumas cidades do Interior, promoveram uma grande manifestação comemorativa da data internacional dos trabalhadores.

Os trabalhadores de Campinas foram representados pelo gráfico italiano Alfredo Mani, ardoroso militante anarquista; de Ribeirão Preto pelo jornalista Benjamim Mota, então militante anarquista e que se tornou muito conhecido pela sua campanha contra o clericalismo, sendo considerado como o pioneiro dessa propaganda no Brasil; de Sorocaba, Jundiá e Santos respectivamente pelo engenheiro italiano Alcebiades Bertolotti, pelo jornalista, também italiano, Alceste De Ambris e pelo dr. Silverio Fontes, todos três militantes socialistas.

Nessa memorável comemoração do 1.º de Maio, a massa popular reuniu-se no largo da Luz e dali, em coluna cerrada, entremeadada por bandeiras e estandartes, dentre as quais se destacavam as de cores vermelha e preta dos anarquistas, rumou em direção ao centro da cidade, seguindo pela rua Brigadeiro Tobias, encabeçando a coluna uma banda de música constituída por operários, que tocava os hinos operários e libertários, cantados pela multidão, de cujo seio ouvíam-se os gritos de protestos contra a tirania burguesa e os vivas à causa da libertação proletária.

Dando uma idéia de suas proporções, a massa ocupou toda a rua São Bento, em caminho para o largo São Francisco, onde se dissolveu.

No ano seguinte, embora de forma mais limitada, o dia da manifestação internacional dos trabalhadores foi comemorado com comícios e passeatas.

Em 1901 já existiam, organizadas ou em vias de organização, as agremiações das seguintes categorias: pedreiros e anexos, trabalhadores em madeira, gráficos, chapelheiros e sapateiros. Além dos grupos anarquistas e do Circulo Socialista, também existiam em São Paulo interessando-se pelo movimento operário, o Centro Republicano Social de Italianos e a Liga Democrática Italiana. Com a participação de todos esses elementos, realizou-se a comemoração do 1.º de Maio, sendo promovido um comício, seguido de passeata, anunciados por um manifesto.

Nos anos de 1902 e 1903 não houve a paralisação do trabalho, mas o 1.º de Maio não deixou de ser comemorado com conferências e comícios.

Em 1904 a situação apresentava-se melhor, com varias categorias de trabalhadores em atividade sindical, laçadas pelos grupos anarquistas e centros socialistas. Os socialistas publicavam o jornal "Avanti!" e os anarquistas distribuíam um numero especial de um jornal comemorativo da data. Durante o dia, foram realizados comícios em salões, promovidos pelas organizações operárias e pelos elementos libertários e socialistas.

Em 1905, estavam em atividade as organizações dos trabalhadores em madeira, tecelões, chapelheiros, construção civil, sapateiros, canteiros, metalúrgicos e garçons, que, com a cooperação dos anarquistas e socialistas, promoveram varios comícios e, à noite, uma festa promovida pela Liga dos Trabalhadores em Madeira.

Em 1906, as organizações operárias encontravam-se, em grande parte, sob a orientação dos anarquistas, que lhe dedicavam entusiástica atividade, esforçando-se para orientar os trabalhadores no sentido da luta anticapitalista. Os ferroviários da Companhia Paulista encontravam-se em luta, que provocou o assassinato, pela policia, em Jundiá, de dois trabalhadores. Comemorando o 1.º de Maio, foram realizados comícios na praça publica e no Salão Celso Garcia.

Em 1908, o movimento ainda sofria



Aspecto da manifestação de 1914

os efeitos da reação consequente do movimento reivindicador do proletariado verificado no período de 1906 e 1907. Não obstante isso, a Federação Operária, órgão federativo das organizações operárias fundada em 1905, por iniciativa, principalmente, dos elementos anarquistas militantes dos sindicatos, tendo como órgão na imprensa "A Luta Proletária", que apareceu durante algum tempo em italiano com o título de "La Lotta Proletaria". Nesse ano foi promovido um comício comemorativo do 1.º de Maio, realizando-se, à noite, um festival com a apresentação de peças de caracter social.

Em 1909, a Federação Operária lançou, neste ano, um vigoroso apelo aos trabalhadores em geral para que dessem um caracter imponente à comemoração do 1.º de Maio, paralisando o trabalho na maior proporção possível. Foi realizado um concorrido comício na praça publica, no qual se demonstrou a origem reivindicadora da manifestação internacional do proletariado.

Em 1910, a manifestação do 1.º de Maio teve uma feição um tanto diferente. Realizando-se nesse dia a inauguração da estatua de Garibaldi no Jardim da Luz, o proletariado organizado dela participou, dando ao ato um brilho extraordinário. Foi organizado um cortejo, que se estendeu quase que do centro da cidade até à Luz, levando a grande multidão estandartes, bandeiras e cartazes dos libertários, socialistas e organizações populares.

No ano de 1911 é que foi legalizada a data de 1.º de Maio, passando a figurar na folhinha, como feriado nacional. Pretendeu-se, assim, dar-lhe um caracter festivo, mas isso não impediu que os trabalhadores, animados pelos libertários, a comemorassem de acordo com sua verdadeira significação.

Em 1912 e 1913 o 1.º de Maio teve, em São Paulo, igual comemoração, isto é, com a publicação de jornais libertários e proletários, manifestos e boletins referentes à data e com a realização de comícios.

A comemoração do 1.º de Maio teve grande vulto em 1914. Para esse fim, reuniram-se todas as organizações envolvidas no movimento tendente à transformação da sociedade no sentido da justiça social. Convocado pelas organizações operárias, pelos grupos anarquistas e pelas agrupações dos socialistas e democratas italianos, realizou-se um comício no largo da Sé, que, não obstante o tempo chuvoso, reuniu uma grande massa popular, vinda, em colunas, dos bairros, onde se realizaram comícios parciais. Os jornais libertários "Guerra Sociale" e "A Lanterna", anticlerical, e "Avanti!", socialista, publicaram numeros dedicados à data.

O 1.º de Maio de 1915 foi comemorado, como no ano anterior, com um

numero comício no largo da Sé, precedido de comícios parciais nos bairros mais populares. Essa comemoração foi especialmente dedicada, nesse ano ao protesto contra a guerra que então ensanguentava a Europa. Publicaram-se boletins e manifestos e os jornais libertários dedicaram-lhe grande parte de seu espaço.

Em 1916, o 1.º de Maio foi comemorado com comício e passeata pelo centro da cidade, com a publicação de numeros especiais dos jornais libertários e de manifestos alusivos à data.

E, pela exiguidade do espaço, encerrou em 1916 estes breves dados sobre como se comemorou em anos passados a data em que o proletariado internacional externa, em manifestação unica, a sua repulsa à sociedade capitalista e a sua decisão de lutar em prol de um regime de igualdade social.

Se me apresentar oportunidade, completarei estes apontamentos, que julgo uteis para a historia das lutas proletárias do Brasil.

SCUDELARIO

### A Atualidade Ibérica

Aprés à organização anarquista portuguesa observar que a militância acerta de todo o mundo começa a encerrar, com um realismo animador, a primazia do problema ibérico no movimento tendente à transformação social.

Vistas as coisas em seus devidos termos, sem descurar, é claro, os quadros da luta em todos os países, não se pode deixar de reconhecer que uma maior aportação — tanto quanto possível — de solidariedade, moral e material, deve ser dada ao movimento anarquista ibérico, afim de que possa cumprir o mais cabalmente possível o papel que lhe está destinado na grande convulsão social que se avizinha.

De fato, onde poderá a centelha do movimento renovador brilhar com mais intensidade e mais rapidamente iluminar a obra da remodelação institucional, solapando as bases deste regime desmoralizado e opressor, para serem estabelecidas novas normas de convivencia social no mundo — do que neste recanto da terra?

A índole de seu povo e a larga e persistente difusão que aqui tem sido feita das idéias libertárias fazem deste rincão o mais sólido baluarte da luta contra a tirania clerico-militar-burguesa que traz o mundo sujeito a uma tirania mantida a ferro e fogo. Além disso, a experiencia vivida durante os trágicos anos da guerra civil espanhola, com as suas realizações construtivas e o seu afan na luta sem igual em prol da causa renovadora, tornam a Península Ibérica o terreno mais promissor para a obra anarquista e um campo de primeiro plano na próxima e decisiva luta libertária.

Acresce ainda a circunstancia de que, no campo economico, também a



Esses são os tais que vivem a pregar que Cristo nasceu entre os pobres, defendeu os pobres e morreu pelos pobres...

### OS MARTIRES DE CHICAGO

Em consequencia da agitação do proletariado norte-americano em prol da jornada de 8 horas, foram presos e processados os seguintes trabalhadores:

Oscar Newbe, Miguel Schwab, Augusto Spies, Samuel Fieldem, Luiz Ling, George Engel, Adolpho Fischer, William Lenssiger, Alberto Parsons e John Most.

As consequencias desse processo foram: — A condenação de cinco à morte, três à prisão perpetua, um a quinze anos de prisão, e outro posto em liberdade, após sofrer diversos martírios e mais tarde de novo preso e expulso.

No dia 11 de novembro de 1887, subiram as escadas do patibulo para serem enforcados, os seguintes: Adolpho Fischer, Alberto Parsons, George Engel e Augusto Spies.

Luiz Ling não foi enforcado porque se suicidou na prisão. Samuel Fieldem e Miguel Schwab foram condenados a prisão perpetua. Oscar Newbe a quinze anos de reclusão.

William Lenssiger desapareceu do carcere.

John Most foi expulso do territorio americano.

Alguns destes abnegados trabalhadores tiveram a oportunidade de produzir os seus discursos perante a barra do tribunal e as suas palavras vieram até nós, através dos escritos, como uma afirmação de firmeza de convicções e de coragem ante o martirio.

Península Ibérica, com a riqueza de seu solo e de seu sub-solo, é um dos pontos do mundo com mais possibilidades de vida autonoma, fator de primordial importancia entre a revolução renovadora e as forças reacionárias que mantêm o regime de exploração.

Na esfera das transformações socialistas, igualmente a Península Ibérica ocupa lugar de relevo, dada a sua posição geografica e estrategica. São todos esses fatores, assim sumariamente enunciados, que devem fazer com que a militancia anarquista torne este rincão ponto de convergencia de suas preocupações sociais mais instantes, porque a revolução que se avizinha tudo leva a crer que aqui terá um dos seus principais pontos de inicio.

Mas, é preciso ter em conta que essa visão não escapa ao rapinante clericalismo, que vem martirizando o

povo ibérico com todo o peso de sua secular tirania.

O ultramontanismo não perde um unico ensejo de agir por todos os meios contra o mais simples gesto reivindicador do povo oprimido. E, sabendo perfeitamente que, não obstante todo o seu aparelhamento opressivo, já é impotente para dominar a onda de rebeldia das victimas de sua opressão, recorre aos senhores do capital — do qual é aliado e servidor.

Procurará mesmo conjugar todas as forças reacionárias para deter o avanço do movimento emancipador que o val envolvendo, para o aniquilar como polvo estrangulado que é.

Nestas circunstancias, é indispensavel que os elementos libertários conjuguem todas as suas forças para o combate ao imperialismo clerical — sem o que não será possível levar a cabo a obra de preparação de um mundo novo.

Se é certo que o movimento anarquista de toda a parte deve contribuir com todo o seu dinamismo para essa tarefa ingente, não menos verdade é que aos combatentes anarquistas da Italia e da França está destinado um papel preponderante, já porque se encontram nas adjacencias da Iberia, já porque as suas forças estão presentemente melhor organizadas.

E com essa conjunção de esforcos dos combatentes do campo libertário italo-francês-ibérico, com ampliação por todo o movimento anarquista internacional, conseguiremos dar uma grande amplitude à luta objetivando fazer frente à reação incessante, feroz e sangrenta da conjuração clerico-militarista-burguesa.

Aos anarquistas de todo o mundo cabe cerrarem fileiras, pois o tempo urge. Os acontecimentos se precipitam.

JOSE VICENTE

Algures, em Portugal — Março, 1948.

### LIVROS QUE RECOMENDAMOS

"Proudhon" — (Su vida y su correspondencia) — Casalante Beuve — edição castelhana .....	Cr\$ 35,00
"Malatesta" — (Su vida y su pensamiento) — Luigi Fabbri .....	Cr\$ 35,00
"Em torno de uma vida" — Pedro Kropotkine .....	Cr\$ 35,00
"Luiza Michel" — (La virgen roja) — Irma Boyer, enc. Duclás .....	Cr\$ 45,00
"Teses da existencia e inexistencia de Deus" — Charles .....	Cr\$ 20,00
"As idéias absolutistas do Socialismo" — Rudolf Rocker .....	Cr\$ 15,00
"El apoio mutuo" — Pedro Kropotkine, enc. .....	Cr\$ 70,00
"La historia de la Revolución Francesa" — Pedro Kropotkine .....	Cr\$ 85,00
"O que es la Propiedad?" — Proudhon, enc. .....	Cr\$ 40,00
"O Anarquismo ao alcance de todos" — José Oiticica .....	Cr\$ 12,00
"Sermões da Montanha" — Tomás da Fonseca .....	Cr\$ 40,00

Pedidos à Caixa Postal, 5739 — São Paulo — Capital.